



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

JOCEMAR DA ROCHA LIMA

**FEIRA DE ANIMAIS DE SUMÉ – PB:
Uma Análise dos Aspectos Econômicos e Sociais**

**SUMÉ - PB
2014**

JOCEMAR DA ROCHA LIMA

**FEIRA DE ANIMAIS DE SUMÉ – PB:
Uma Análise dos Aspectos Econômicos e Sociais**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo.

Orientador: Professor Dr. Paulo Cesar Diniz

SUMÉ – PB

2014

L732f Lima, Jocemar da Rocha.

Feira de animais de Sumé – PB : Uma análise dos aspectos econômicos e sociais / Jocemar da Rocha Lima. Sumé - PB: [s.n], 2014.

50 f.

Orientador: Professor Dr. Paulo César Diniz.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Feira livre. 2. Feira de animais. 3. Comércio de animais. I. Título.

CDU: 339.177(043.3)

JOCEMAR DA ROCHA LIMA

**FEIRA DE ANIMAIS DE SUMÉ – PB:
Uma Análise dos Aspectos Econômicos e Sociais**

Monografia apresentada ao Curso Superior de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo.

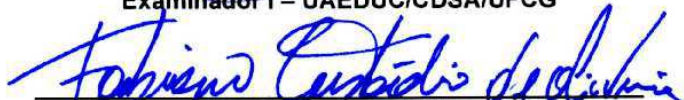
BANCADA EXAMINADORA:



Professor Dr. Paulo Cesar Diniz.
Orientador – UAEDUC/CDSA/UFCG



Professora Dra. Maria do Socorro Silva
Examinador I – UAEDUC/CDSA/UFCG



Professor Me. Fabiano Custódio de Oliveira
Examinador II – UAEDUC/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em: 18 de setembro de 2014.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Primeiro que tudo a Deus pela minha saúde, família e amigos e à Nossa Senhora da Conceição, a minha fonte de fé e força para nunca desistir.

Em segundo a meu pai José Mendonça, a minha mãe Sebastiana, a minha Irmã Josetânia, pelo seus apoios e motivação e por sempre acreditarem em mim. O meu muito obrigado.

Ao meu orientador, grande Paulo Diniz, grato pela paciência e a dedicação, sempre mim orientando da melhor forma possível para se fazer esse trabalho; meu obrigado pela contribuição.

A todos os professores da UFCG – CDSA, professores ao longo desses anos sempre estiveram a minha disposição para tirar qualquer dúvida como dos outros alunos o meu agradecimento.

Aos meus ex-colegas e amigos de “classes” que eu tive o prazer de conviver e compartilhar todas as dificuldade apresentadas, mas que tiramos de letra no decorrer do curso. Foi uma satisfação conviver com todos esses laços de amizade; saudades eterna dessa turma veterana de Educação do Campo.

Enfim, agradeço a todos. Foi um prazer ter um pouco de cada um desses momentos em minha vida, por que dessa caminhada na vida só levamos amizade, e saudade guardada em nosso peito, que de vez em quando nos faz voltar ao passado. Meus agradecimentos a todos enfim.

RESUMO

Este trabalho tem como intenção compreender a feira livre especificando a feira de animais da cidade de Sumé/PB; uma das feiras importantes para o comércio local, que envolve pessoas de várias cidades de outras regiões e de outros estados. Neste sentido meu objetivo geral foi analisar os aspectos econômicos sociais e culturais da feira de animais do município de Sumé-PB. Sendo assim se fez necessário estudar autores que tivesse maior relação com o setor econômico de determinadas feiras a exemplo de Dantas (2007), Miranda (2009), entre outros. Desta forma procurou-se adotar como objetos de estudo fazer uma análise e identificar os acontecimentos históricos, econômicos e da educação em meio à feira de animais, destacando a recente mudança da feira de seu antigo espaço para um novo, e as mudanças sociais. A pesquisa se realizou no local da feira, a partir de diferentes metodologias utilizando o método dialético e o estudo de caso que possibilitou descrever uma investigação detalhadamente da feira de animais de Sumé -PB, além de observações presenciais, rodas de conversas com os feirantes e pesquisa bibliográfica, para melhor conhecimento dos aspectos econômicos e comerciais. Foi necessário utilizar dados do IBGE. Assim, demonstrou-se a necessidade de uma conscientização dos feirantes e do poder público para o fato que atualmente a feira está desorganizada e com a infraestrutura adequada e divulgação a mesma pode aumentar o número de comercialização de animais, o que poderá beneficiar não só os feirantes, mas o município como um todo.

Palavras-chave: Feiras Livres. Cultura e Economia. Educação não escolar.

ABSTRACT

This tem as intenção trabalho livre compreender to specifying a feira feira of animais da cidade de Sumé / PB; uma das or local comércio important that envolvem pessoas of várias speeds of regiões outras e outros feiras states. Neste sense foi meu geral aim at analyzing economic aspects and you sociais Culturais of animais da feira do município of Sumé-PB. Sendo is fez assim necessário estudar authors tivesse relação maior com or econômico setor certain feiras to exemplo Dantas (2007), Miranda (2009), between outros. Desta form procurou-like objects are adotar estudo análise fazer uma os and identify historical acontecimentos, economie and gives educação em meio à feira of animais, highlighting recente mudança of antigo da feira seu novo espaço to um, and as sociais Mudanças. A screening is nonlocal realizou da feira, from using different methodologies or method of dialectic and eo estudo case possibilitou descrever investigação detalhadamente uma da feira of animais of Sumé -PB, além of observações presenciais Rhodes of converts com os feira da feirantes , and bibliographic research for conhecimento melhor e comerciais two economic aspects. Foi necessário use dice IBGE. Assim, demonstrou-se uma conscientização to necessidade of two feirantes and public authority to do or phosphate that is disorganized atualmente feira e com e to infraestrutura suitable finishing divulgação to increase or prune mesma Comercialização number of animais, or benefit Podera não só os feirantes more or município like um all.

Key-words: Feira Livre. Culture and Economy.No school education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Mapa da Paraíba.....	31
Imagem 2: Local da antiga feira dentro da cidade.....	32
Imagens 3 e 4: Local da feira atual.....	35
Imagem 5: Feira de animais de Sumé (às 6 horas da manhã).	36
Imagens 6 e 7: Entrada do curral	37
Imagem 8: Espaços da feira via satélite.....	38
Imagens 9 a 13: Espaços ocupados.....	39
Imagem 14 : Arquivo pessoal dia de feira de Sumé.....	42
Imagem 15: Feira de animais de Sumé – reunião de feirantes conversando. .	43
Imagem 16: Barraca de artigos de couro feira de animais de Sumé.....	44
Imagem 17: Feira de animais de Sumé pai negociando a venda de animais com o filho ao lado.	45

LISTAS DE SIGLAS

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	AS FEIRAS LIVRES.....	15
2.1	A HISTÓRIA DAS FEIRAS LIVRES.....	15
2.2	O TRABALHO NAS FEIRA LIVRES.....	22
3	A EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR NA FEIRA.....	25
3.1	COMO SE DÁ A EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR NA FEIRA.....	25
3.2	A EDUCAÇÃO NOS ESPAÇO DAS FEIRAS NAS CIDADES.....	27
4	A FEIRA DE SUMÈ.....	29
4.1	A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE SUMÉ E SUAS CARACTERÍSTICAS....	29
4.2	O SURGIMENTO DA FEIRA DE GADO DE SUMÉ.....	31
4.3	A “NOVA” FEIRA DE GADO DE SUMÉ.....	33
4.4	O ESPAÇO DA FEIRA DE SUMÉ.....	36
4.5	OS ATORES, A CULTURA E O ASPECTO EDUCACIONAL DA FEIRA DE ANIMAIS DE SUMÉ.....	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda as transformações históricas da feira de animais no município de Sumé e as influências econômicas e culturais para a cidade.

Muitas dessas feiras de animais são formadoras de várias cidades no Nordeste, a exemplo de Campina Grande e Caruaru entre outras. Até mesmo a cidade de Sumé/PB teve sua origem a partir de uma fazenda de criação de animais que data do século XVIII, e que ao longo do tempo foi se consolidando e se tornou Município.

Além disso, as feiras de gado historicamente permitiram que várias gerações de pessoas comercializassem seus animais. Com a feira de animais de Sumé não foi diferente. Formada em sua grande maioria por pequenos criadores rurais da própria cidade, e de outras vizinhas, que negociam seus animais, caracteriza-se ainda por ser uma das maiores feiras da região do Cariri, destacando-se por sua localização geográfica, sempre atraindo pessoas de outros municípios da Paraíba e de Pernambuco que vêm para comprar e vender animais.

As feiras livres também têm um caráter educativo ainda que não seja formal, mas sim no sentido que ocorre uma troca de conhecimento, o qual é passado muitas vezes de pai para filho, a exemplo das técnicas de compra e venda; de como avaliar se um produto é bom ou não; se um animal está dentro do padrão de compra ou não; entre outras experiências que não são adquiridas nas escolas ou universidades. Além de ser um espaço de socialização e constituição de sua identidade do feirante sertanejo.

Pretende-se aqui discutir a feira de animais de Sumé, suas influências econômicas e culturais, bem como as recentes mudanças ocorridas na feira, a qual se encontrava dentro do perímetro da cidade, ocorrendo assim à transferência de seu antigo local para um novo espaço, fora da cidade. Essa transferência trouxe em si várias mudanças sociais e econômicas a todos diretamente e indiretamente envolvidos com a feira.

O interesse pela temática surgiu a partir da preocupação em compreender os aspectos sociais e econômicos nas feiras dos pequenos municípios, ou seja, das feiras tradicionais. Em especial a feira de animais de Sumé, o que se procura investigar é a sua transferência e os impactos trazidos com mudança do local, a qual se encontrava

nas proximidades do centro da cidade e hoje se localiza a 2 km da cidade sendo esta feira tradicional e antiga na cidade.

Ou seja, é visível atualmente a diminuição na circulação de pessoas e quantidade de animais na feira, podendo-se observar um declínio nas negociações, comparando-se com períodos anteriores em que a feira era grande em números de animais e de pessoas. Muitos feirantes deixaram de vir para a feira.

Estes elementos surgiram como questão de pesquisa a partir da minha inserção no curso Educação do Campo que, como propósito, tende a levar conhecimentos às escolas do campo, permitindo uma nova percepção com os problemas sociais. Assim minha pesquisa foi baseada nestes sujeitos ligados ao espaço da comercialização e dos criatórios da região do cariri ocidental.

A feira de animais existia há décadas no local de origem e como estes impactos através desta transferência trouxe problemas econômicos a todos envolvidos na feira que ali vivem e sustentam suas famílias através da comercialização de seus animais.

Além disso, na juventude, por diversas vezes participei da feira quando era realizado no antigo local nas imediações do centro da cidade, a minha participação na feira era como vendedor e comprador.

Neste trabalho iremos analisar os fatores econômicos e culturais da feira de animais de Sumé e resgatar sua história. Temos como objetivos específicos desse trabalho identificar os principais atores sociais como participantes da feira de animais, além dos impactos econômicos da feira para o município, por um lado sua dimensão, e, por outro, fazer uma análise das influências culturais provocadas pela feira educativa bem como dos aspectos educacionais presentes na feira.

Os caminhos utilizados neste trabalho de pesquisa proporcionaram a construção de uma investigação acerca dos fatores econômicos e sociais, no qual contribuiu para definir a pesquisa.

Para tanto desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica do tema a ser pesquisado, ou seja, relacionar autores que tratam da questão econômica e de feiras no âmbito comercial neste sentido possibilitar domínio de conteúdo e metodologia. Segundo Gil (2010, p. 50) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Esta pesquisa se caracterizou por um estudo de caso, que tem como principal objetivo compreender uma determinada situação social. Desta forma podemos afirmar.

Todo caso pode ser decomposto em suas partes constituintes. Por exemplo, são componentes de um caso clínico: os sintomas, a evolução, os resultados e as consequências. Assim, pode-se analisar o caso para identificar seus componentes mais relevantes, ou atribuir-lhes graus de importância relativa em função do caso específico. A revisão bibliográfica é sempre útil para fazer comparações com outros casos semelhantes, buscar fundamentação teórica e também para reforçar a argumentação de quem está descrevendo o caso. A discussão permite avaliar os caminhos seguidos (como se desenvolve o caso), desde a elaboração dos objetivos (por que estudar o caso) até as conclusões (o que se aprendeu com o estudo do caso). (VENTURA. 2007, p.385)

Embora a metodologia qualitativa faça parte de estudos de caso, conforme aponta Moresi (2003), optou-se por metodologias qualitativas, de cunho dialético. Em termos modernos, a dialética possibilita pensarmos as contradições da realidade: “o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação”. (KONDER, 2008, p.7). Nesse sentido, a pesquisa se caracterizou por observações presenciais, fundamentais para um melhor acompanhamento dos objetivos, como, por exemplo, as “rodas de conversas” com os feirantes; técnica que se aproxima da entrevista, contudo sem a formalização de um roteiro pré-estabelecido. Assim sendo, esse método contribuiu para a compreensão da realidade e do cotidiano da feira, favorecendo a análise dos dados da pesquisa.

Em pesquisas de campo realizada entre os dias 03, 10,17 e 24 de fevereiro de 2014, das 6 às 12 horas, observou-se que uma média de 11 carros que são carregados de animais. Em conversas com os feirantes no carregamento dos carros, deste modo perguntava se na aquisição do animal se foi de compra ou não, haja visto que essas são compra de gado.Foi contabilizado na feira de animais em média um total 60 veículos de feirantes participantes da feira.

Ao mesmo tempo foram consultados livros e trabalhos acadêmicos, fazendo com que o presente trabalho possa ser apresentado de forma coerente, contribuindo com o conhecimento da temática trabalhada. Também foram feitos levantamentos de dados Junto ao IBGE e sites da internet, além de outras fontes.

Esse trabalho tem a seguinte estrutura, além dessa introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo iremos nos aprofundar em diversos autores que estudam as feiras para que possamos ter um conhecimento do que são feiras livres, suas características e papéis desempenhados frente aos municípios interioranos.

No segundo capítulo iremos analisar o aspecto educativo que ocorre em meio às feiras, destacando-se o campo da educação não escolar (definida de educação não formal e informal) que está presente no cotidiano das feiras. A intenção aqui é apresentar como essa forma de educação ocorre e se transforma em conhecimento por parte dos feirantes.

O terceiro capítulo, enfim, iremos fazer um resgate da história do município de Sumé, que passou por várias etapas e eventualidades até se tornar emancipado, destacando fatos históricos que marcaram esse processo como, por exemplo, a feira de animais como um marco integrante e histórico da cidade de Sumé.

2 AS FEIRAS LIVRES

No Agreste e Sertão nordestinos, a economia é gerada pela pecuária, seja pelos animais para transporte, para tração animal, corte e carne seca.

2.1 A HISTÓRIA DAS FEIRAS LIVRES

As feiras livres, de modo geral, representam uma longa tradição histórica, enraizando fortemente cultura de um povo que, por sua vez, aparece das mais diversas formas. Sendo um lugar público, consiste na presença de várias pessoas, de diferentes culturas, vendedores e compradores.

As atividades desenvolvidas nas feiras livres mostram como são fortes atrativos culturais. Areladas à importância desse comércio informal estão a identidade e a memória coletiva de um povo, criadas a partir de elementos do cotidiano e refletidas nas mais diversas expressões populares e bens culturais, sejam eles bonecos de barro ou de pano, chapéus de couro ou uma variedade de outros produtos, como se verifica em feiras nordestinas (...) (MIRANDA, 2009, p. 47).

As feiras livres e a atividade pecuária, estão intimamente ligadas, e se referem a uma longo processo histórico no Brasil, desde a época colonial. De tal modo, essas atividades acarretaram muitos benefícios econômicos e culturais, além de desenvolvimento para com uma grande parte do nosso país, especialmente do interior do Nordeste.

A pecuária tem um papel fundamental em nossa economia não só de hoje, mas desde o Brasil colônia. Ela foi uns dos fatores que contribuíram para que surgissem muitas cidades, impulsionando o desbravamento do Nordeste e se desenvolveu região “adentro” devido à necessidade de expansão territorial. De acordo com Andrade (2011, p. 198), “A pecuária é hoje, como foi no passado, a grande riqueza do sertão, apresentando-se ora como atividade econômica quase exclusiva, ora em *sui generis* associação com o algodão”. Produção agrícola que entrou em declínio no final dos anos de 1980.

Um dos aspectos que ajudam a entender o fenômeno da pecuária no Sertão, é a entrada do gado com a chegada do governador Tomé de Souza. Com o seu desenvolvimento, a pecuária se torna incompatível com a monocultura da cana de açúcar no litoral. Daí o deslocamento da pecuária para o Sertão.

A criação de gado foi desde os primeiros tempos uma atividade econômica subsidiária da cana-de-açúcar. Os engenhos eram quase sempre movidos a tração animal e, tanto o transporte da cana, dos partidos para a fábrica, como o transporte do açúcar, das fábricas para os portos de embarque, estavam sempre a exigir grande número de bois e de cavalos. (ANDRADE, 2011, p. 151).

A pecuária, portanto, é essencial para entender o povoamento do sertão nordestino, pois muitas cidades se originaram a partir de fazendas. Algumas vezes, o dono da fazenda doava uma porção de terra para a construção de uma capela; com o passar do tempo, tornava-se povoado, depois vila, depois cidade. Nas palavras de Cascudo (1970, p. 84 apud MAIA, 2000, p. 5): “os velhos currais de gado foram os alicerces pivotantes das futuras cidades. As fazendas coincidem como denominadoras das regiões povoadas”.

A penetração do sertão se deu através de interesses econômicos gerado pela pecuária, interesses estes que possibilitaram adentrar cada vez na interiorização do sertão assim se efetivando de vez sua conquista. A ocupação do interior foi fundamental para separar e configurar duas regiões distintas: sertão e zona da mata. “Essa separação pode ser observada através do deslocamento do curral para fora do Engenho (o que implicou no fim da convivência entre engenho e curral) e do surgimento da fazenda sertaneja”. (MOREIRA e TARGINO, 1996, p. 67).

Podemos ainda falar que a expulsão do gado do litoral para o interior ao que colonizadores ocupavam grandes áreas úmidas, gerando conflitos indígenas, além do aumento populacional de pessoas e a necessidade de suprir consumo de carne de gado, e da demanda de couro, além de brigas entre os plantadores e os pecuaristas uma vez que o gado invadia as plantações. Essas são apenas alguns dos fatores que impulsionaram o gado para interior e o suprimindo do litoral.

A penetração do sertão se deu através dos rios, o que era necessário água para os animais. Importante ressaltar que os cursos de rios foram um dos fatores mais que contribuíram assim para esse desbravamento do interior.

Os rios constituíam as principais vias de penetração no Sertão paraibano. A facilidade de circulação e a disponibilidade de água condicionaram a ocupação das margens fluviais e produziram o 'povoamento de ribeira', isto é, a instalação de grandes fazendas de gado ao longo dos rios. (MOREIRA e TARGINO, 1990, p. 10 apud MOREIRA e TARGINO, 1996, p. 69)

Ao se fixar no sertão, o gado contribui para o seu povoamento. É nesse contexto que surgem as feiras livres no Brasil. Sua origem é um reflexo da própria história de ocupação do sertão que, com o aumento populacional, houve a necessidade de desenvolvimento de um sistema econômico de circulação de mercadorias, originando-se as feiras livres no interior do Brasil.

A feira passou, assim, a constituir-se em um lugar de encontro de pessoas, havendo progressivamente uma interação cada vez maior entre pessoas, cultura e economia, que por sua vez, exerciam a “troca” das mercadorias presentes na feira. Foi por meio da relação de compra e venda que esse lugar – a feira – se firma em importância, passando a representar a grande parte da economia de diversas cidades, Miranda (2009).

Uma característica fundamental das feiras livres é sua composição múltipla de atores e agentes; diferentes modalidades de trabalhadores, personalidades interligados, em prol da realização de “um bom negócio”.

Tem como agentes comerciantes, produtores rurais, artesãos e consumidores, sendo eminentemente espontânea. Envolve fluxos de mercadorias, pessoas e informações, e, através dela, realiza-se a integração entre áreas rurais, pequenas, médias e grandes cidades. Ligadas ao mercado associa-se à acumulação, mas também na feira a sociabilidade se manifesta. É real, material e eminentemente informal, tendendo a ser hierarquizada, na qual há centros com comércio atacadista para feirantes e centros onde há apenas varejista-ambulante. A feira nordestina existe há muito tempo e a velocidade de seus fluxos é lenta. Sua preferência é periódica e esta é uma característica fundamental que a distingue do comércio fixo. (CORRÊA, 1997, p. 113, apud DANTAS, 1999, p. 33)

Nesse “espaço público onde se encontram pessoas” para exercerem a comercialização (MIRANDA, 2009, p. 30), surge a figura do feirante. Personagem essencial na feira, o feirante foi se adaptando ao longo do tempo a todos os espaços e

locais onde se realiza a feira. Podemos assim observar nas mais diversas feiras livres de animais, que sempre chega um feirante e começa vender ou comprar animais expostos na feira.

[...] As feiras normalmente se apropriam de tecido urbano existente, onde se fixam e se adaptam às condições locais como em uma relação simbiótica. Por isso, elas são visto também como atividade capaz de induzir desenvolvimentos e ativar espaços vazios até que usos sejam consolidados. (MIRANDA, 2009, p.43).

As feiras também podem ser vistas como um cenário de integração social e que não envolve só a população da cidade em si, mas pessoas que advêm de outras cidades, aumentando o fluxo de recursos na economia local em que todos em si se beneficiam. Na visão de Miranda (2009, p. 45) é importante ver a feira como um local de oportunidades, onde há uma integração social, que não há preconceitos, e um local de oportunidades que permite, assim, uma renda familiar melhor ou um complemento na renda.

Outro aspecto a destacar é que as feiras livres também são um espaço que se estabelece a troca de inúmeros conhecimentos entre os feirantes, não só os dos “local” mais de outros municípios que a integram e que se constituem em um determinado dia da semana. Essa interação de conversas e trocas de conhecimento engrandecem cada vez mais as feiras, oferecendo oportunidade a inúmeras pessoas desempregadas. De modo geral, diz Miranda (2009, p. 46) que “as feiras tornam-se também lugares onde se estabelecem inúmeras relações de vizinhança entre feirantes, fortalecendo redes de conhecimentos, além de promover a absorção de desempregados na região”.

A dimensão cultural (além dos fatores econômico e espacial) é outro aspecto importante a ser destacado nas feiras livres. Seja local ou regional, as feiras criam e recriam inúmeras manifestações que ao longo do tempo, passando por gerações, mas nunca perdendo sua identidade cultural no decorrer dos séculos.

Portanto, já tendo analisado as relações econômica e espacial, pode-se adentrar em outro fator de forte impacto na relação feira-cidade, o cultural. Com isso, o alinhavar dos pontos que possibilitarão costurar a relação feira-cidade ficará mais forte, pois as feiras são uma das mais importantes manifestações de uma cultura regional, além de um palco importante para a criação e desenvolvimento de inúmeras expressões. (MIRANDA, 2009, p. 141).

Quando olhamos as feiras livres do Nordeste percebemos um caráter bastante “regionalizado” porque muitos feirantes de cidades circunvizinhas vem fazer parte da feira localizada em determinada cidade, trazendo seus produtos ou animais para vender. Sendo, no entanto, que algumas feiras se destacam em relação a outras na região, umas sendo maiores e atraindo um grande número de feirantes.

Compreendidas como espaços de grandes negócios, onde a cultura está presente em forma de conhecimento, das técnicas de compra como de animais e até mesmo de produtos artesanais, as feiras consolidam uma forma de conhecimento que não se encontra em escolas e universidades; conhecimento que foi se aperfeiçoando e melhorando tecnicamente em meio aos feirantes, no decorrer do tempo. Para Dantas (2007, p. 18), as feiras livres são um local de diversidades de atividades, de conversas e de comércio, de onde muitos tiram sua sobrevivência e a sobrevivência da família.

Destacando as feiras livres como um espaço de diversidade de atividades, de interações de pessoas e de relações comerciais, Pazera Jr (2003) aponta a feira como o lugar onde se encontram amigos para colocar as conversas “em dia” (tendo em vista que a maioria dos feirantes tem origem diversas: zonas rurais da própria cidade e de outras):

Se sabem as últimas notícias e boatos. Ali são feitos os anúncios de utilidade pública. Comícios, geralmente ocorrem em dia de feira, podendo contar, assim, com o maior público possível da zona rural. Espetáculos artísticos, dentre eles alguns hoje ditos folclóricos, desenvolvem-se na feira. Apresentam-se espetáculos com o fito de promover algum produto, como é o caso dos remédios, ou ainda como forma de entretenimento (cuja remuneração é voluntária), a exemplo dos cantadores que evocam os trovadores medievais, apresentando riqueza em experiência e memória. (PAZERA Jr., 2003, p.13 apud MIRANDA, 2009, p. 45)

De acordo com Pazera Jr. (2003) a feira se destaca como um espaço não só de negócios mas também de entretenimento em que todos “brincam” se reúnem em torno de conversas extrovertidas e “causos” do dia a dia.

A feira torna-se um atrativo cultural, está de certa forma ligada a um determinado lugar, se configura à partir dos costumes de seus habitantes, nas mais diversas formas e características.

Falar em referências culturais nesse caso significa, pois, dirigir o olhar para representações que configuram uma “identidade” da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos “fazeres” e “saberes”, às crenças, hábitos, etc. Referências culturais não se constituem, portanto, em objetos considerados em si mesmos, intrinsecamente valiosos, nem apreender referências significa apenas armazenar bens ou informações. Ao identificarem determinados elementos como particularmente significativos, os grupos sociais operam uma ressemantização desses elementos, relacionando-os a uma representação coletiva, a que cada membro do grupo de algum modo se identifica. (FONSECA, 2000, p.63 apud MIRANDA, 2009, p. 153)

Diante disso, a feira é um palco ao ar livre onde há um grande número de atores atuando, um interagindo com o outro: conversando, gritando etc. Essa interação que envolve todos, onde tudo é improvisado, não há um roteiro. Assim “as feiras aparecem, então, como espaço apropriado por uma grande diversidade de atores e grupos que as frequentam e delas se apropriam por diversos objetivos [...]”. (DANTAS 2007, p. 39).

As feiras livres ainda guardam muito de seu histórico, refletindo em parte seu passado. Elas ainda trazem muitos elementos das feiras livres tradicionais. Embora não se possa negar as atuais mudanças (de ordem tecnológica, como por exemplo a internet). Afirmava Strauch que, nos anos 50, “as feiras são antes de tudo o reflexo deste espírito tradicional [pois] ainda da época do Brasil colonial no negócio do gado e que não foram substituídos pelos modernos sistemas de compra e venda de gado” (STRAUCH, 1952, p. 101).

A feiras livres de animais se constituem um espaço econômico; lugar de compra e venda, que às vezes nem sempre as negociações se concretizam. Assim os criadores tem que levar de volta seus animais devido aos preços baixos alocados e, deste modo, a feira vai se constituindo:

Alguns pequenos criadores desfilam com seus animais anunciando-os: “baixeiro de nascença e é pra vender! Barato! Dou por 151 cruzeiros e dou barato! Ou “vaca e bezerro, bezerro e vaca!” Outros reclamam de que a feira já não é a mesma, pois “antigamente vinha menino chorão, pedia um podrinho e o pai comprava! Agora ninguém vende mais nada!” Na compra de um animal, podem ser negociados outros objetos como bicicleta, carroça ou trocados por outro. Verificamos que a feira, apesar de ser um lugar de comércio, combina, de modo *sui generis*, o tradicional e o moderno, uma vez que se realiza em lugar [...]. (TÖNNIES, apud RIGAMONTE, 1997, p.39 apud MAIA, 2002, p.13).

Um fato curioso nas feiras livres é quando se vai comprar um animal procura saber qual é a origem do animal (“os pais”), até mesmo de qual fazenda é originário; esses fatores geram agregação de valor ao animal:

(...) Essa negociação passa também pela referência à procedência do animal e aí está embutido o conhecimento dessas pessoas, pois, quando se fala de quem era o animal, faz-se a sua identificação e sempre está se falando de pessoas conhecidas, ou seja, todos sabem “com quem estão falando”, (...) (MAIA, 2002, p.13).

A feira é um lugar de diálogo entre vendedor e comprador, que buscam um entendimento para se concretizar a compra entre ambas as partes. Ainda é importante e necessário saber e ter uma oratória para convencer que o preço do vendedor está pedindo é alto, ou então o preço que o comprador colocou é pouco; ambos vão expor seus questionamentos e o preço colocado entre as duas partes nesse entendimento.

A feira é um lugar de negócios, que se dão de forma particular, exigindo muita conversa até concretizar-se a venda. A maioria dos animais vem das pequenas propriedades do interior e dos arredores da cidade, sendo algumas levadas trazidas de municípios do interior do estado, daqueles que distam até 200 km, mas também de outros mais longínquos, situados na região semiárida. (MAIA, 2002, p.14).

Os marchantes ainda se fazem presentes nas feiras de animais são eles que abastecem as cidades de carne, que são abatidos em matadouros da cidade, compram esses animais na feira ou até mesmo vão às localidades comprar dos sitiante. “Os negociantes de gado, conhecidos como “marchantes”, faziam-se presentes nas grandes feiras de gado do estado, de onde traziam os animais para serem abatidos nos matadouros da cidade.”(MAIA, 2009, p. 2).

Há cidades que se destacam com suas feiras por ser as maiores da região e propiciam um local para a comercialização, envolvendo um bom número de pessoas que vem fazer negócios que são de vários tipos. Cidades de destino de muitos para tal comércio.

A cidade antes mesmo do dia da feira, chega um grande número de pessoas trazendo seus animais de todos os tipos para venda. Trazendo benefícios para economia local.

Cidades pequenas, calmas e quietas, vivem elas horas de intensa agitação, movimento e balbúrdia nos dias de feira. Das fazendas de toda a vizinhança chegam as boiadas, guiadas pelos vaqueiros, às vezes pelo próprio fazendeiro ou, então, por homens contratados especialmente para tal fim e que no Ceará são chamados “passadores de gado”. [...]. E no dia da feira, o gado todo destinado à venda é reunido numa praça, às vezes aberta, outras vezes rodeada com cerca de arame farpado ou de madeira, que separam pequenas divisões para os diferentes tipos de gado. Embora nestas feiras predomine, geralmente, o gado bovino, também cavalos, burros, carneiros, cabras e porcos são aí vendidos. (SOUSA, 1975, p.174-175 apud MAIA, 2009, p. 7).

A feiras livres é um espaço de várias atividades que se fazem negociações de todo tipo seja de pequenos e grandes valores. O comércio local ao redor se fortalece é o dia da semana, que ocorre o maior número de vendas. Mesmo que seja apenas um dia da semana, as feiras atraem muitos benefícios econômico para cidade, já que há um aumento no fluxo de dinheiro no comércio e muitas atividades de prestação de serviços são oferecidas aos arredores dessas feiras, que são fontes de renda de muitas famílias. Nas palavras de Dantas podemos afirmar:

Um dos elementos que conferem grande importância para as feiras nordestinas é que em qualquer núcleo – seja urbano ou rural – em que se realize, elas exercem uma centralidade, mesmo que periódica, ou seja, em função dos tipos de atividades que se desenvolvem no espaço da feira, ela atrai para si uma população para consumir e vender, bem como para desenvolver atividades voltadas para a prestação de serviços. (SOUSA, 1975, p.174-175 apud DANTAS, 2007, p. 82).

Assim sendo as feiras livres um meio de comercialização seja de animais, produtos etc. Dessa forma essa “atividade”, podemos considerar, vai além de uma fonte de economia para cidade, mas sim, um meio de sobrevivência para muitas pessoas.

2.2 O TRABALHO NAS FEIRAS LIVRES

As feiras livres nas cidades se constituem em um grande fluxo de pessoas, que interagem entre si. Nessa atividade econômica nas feiras, as pessoas se utilizam de estratégias inovadoras de venda e compra nesses espaços.

O trabalho na feira sendo composto por uma diversidade de pessoas, que trabalham em várias atividades econômicas durante o dia todo na feira, não sendo uma atividade especificamente em prol de um único negócio de venda, muitas das feiras em cidades se destacam pelo seu comércio. Diante disso.

Que em dias certos da semana se realizavam em determinadas cidades e vilas que, por sua posição como entroncamento de estradas, pela proximidade dos mercados consumidores ou, então, das zonas de criação, apresentam-se como centros propícios a tal comércio. (SOUSA, 1975, p.174-175 apud DANTAS, 2007, p. 8).

Podemos destacar os feirantes que negociam com animais, gado e ovino entre outros. É com esses exemplos de atividades que podemos compreender que a vida de um feirante não se foca especificamente em vender só um tipo de animal, mas se veem obrigados a negociar com vários animais, até mesmo para se ter uma renda maior: quando vendem um determinado animal, já partem para vender outro. É interessante observar esses trabalhadores e os seus métodos de venda, e a rapidez com que fazem tudo.

Atividades ligadas ao setor informal mostram-se cada vez mais como um fenômeno crescente no interior das cidades, principalmente aquelas ligadas ao comércio de rua, como a feira, mostrando que aquela é resultante. (DANTAS, 2007, p. 55).

O trabalho desses sujeitos “feirantes” (sobressaindo-se o setor informal¹ das atividades) é composto, em grande parte, por trabalhadores não alfabetizados e por muitos “desempregados” (no aspecto formal²) que, por sua vez, sobrevivem das atividades na feira. De acordo com Dantas (2007, p. 56):

¹ Trabalho informal é o trabalho sem vínculos registrados na carteira de trabalho ou documentação equivalente, sendo geralmente desprovido de benefícios como remuneração fixa e férias pagas. FONTE (WIKIPEDIA, 2014).

² O trabalho formal é, no Brasil, qualquer ocupação trabalhista, manual ou intelectual, com benefícios e carteira profissional assinada. Consiste em trabalho fornecido por uma empresa, com todos os direitos trabalhistas garantidos. FONTE (WIKIPEDIA, 2014).

[...] entendemos que o setor informal se refere-se a um conjunto de atividades de natureza social e econômica que ocorrem, principalmente, em áreas urbanas, com local e tempo determinados, de caráter fixo ou móvel, irregular, transitória ou efêmera em que as relações são estabelecidas ente indivíduos e grupos. (DANTAS, 2007, p. 56).

Para muitos, a dificuldade de conseguir empregos nas cidades interioranas é suplantada pela alternativa ao mercado informal das “feiras livres”, ainda muito presente nas cidades. Além disso, em função da “modernização” e do avanço tecnológico no setor de empregos formais é outro fator que empurra os trabalhadores sem escolaridade ao setor informal, como ainda se pode notar no caso das feiras livres no Nordeste.

3 A EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR NA FEIRA

3.1 COMO SE DÁ A EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR NA FEIRA

Sabemos que muitos dos que participam da feira – os feirantes – não tem uma educação escolar de acordo com os padrões estabelecidos pelo sistema educacional. Mas podemos afirmar que eles têm sim uma educação que não se aprende em escolas e/ou faculdades; e essa aprendizagem é adquirida ao longo da vida; um conhecimento construído e acumulado através do dia a dia e com a prática.

Muitos pensam que só se tem conhecimento se for letrado, ou caso tenha um diploma de faculdade. Mas sabemos também que muitos letrados não têm a mesma prática e habilidades de como negociar e o domínio de técnicas de comercialização e de valorização de produtos. Podemos afirmar que esses feirantes que não obtiveram uma educação escolar “adequada”, suas habilidades e facilidades foram frutos de uma educação não escolar que é pouco valorizada por muitos estudiosos do tema educação.

Sabemos que muitos feirantes tem um conhecimento prático de como eles avaliam só de olhar um animal ou um produto. Além disso, eles tem uma oratória que muitos “estudados” e universitários ficam para trás, Ou seja, não podemos dizer que um feirante não tem uma “educação”. Tem sim e não podemos menosprezar seu conhecimento chamado de educação não escolar!

Aqui não estamos qualificando que uma educação é melhor que a outra. O que se coloca que há sim um conhecimento na educação não escolar em que está inserido no conhecimento desses feirantes em todas as feiras livres. Assim

Como se educa? Em que situação, em qual contexto? A educação formal pressupõe ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente. A não formal ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. (GOHN, 2006, p.2)

A educação não escolar, pode ser considerada uma educação ainda pouca valorizada na nossa sociedade, mas que seus princípios estão em lei, fato que possibilita defender essa forma de educação com base na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), lei n 9.394/1996, no artigo que diz:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996, p.1)

É válido considerar que toda educação, seja formal, escolar ou não escolar, contribui com a educação global de cada indivíduo e que cada uma forma de educação tem seus aspectos e características próprias e fundamentais.

A questão que se coloca é se encontra um grande conhecimento na vida desses feirantes no seu cotidiano, esse vasto campo do saber e fazer que fazem parte dessas pessoas em dia dessas feiras. Além de seus costumes, e das muitas práticas que tratam os seus fregueses sempre com um conhecimento antigo e atual dos mais diversificados como política, saúde, educação e outros, sendo que seu conhecimento se apresenta em linguagem oral e na prática, se utilizando de uma linguagem informal.

A educação não-formal não é estática, é uma atividade aberta que ainda tem sua identidade em construção. É composta de uma grande diversidade e esse aspecto é muito interessante para o campo educacional, permitindo, além de contribuições de diversas áreas, a composição de diferentes bagagens culturais (GARCIA, 2000, p.14)

A educação não escolar na feira se dar sempre forma de troca de informações e se configura de um ensino moldado no compartilhamentos de conhecimentos e experiências dentro da feiras. Assim pode-se afirmar que acontece a educação não escolar na feira.

3.2 A EDUCAÇÃO NOS ESPAÇO DAS FEIRAS LIVRES NAS CIDADES

Nessas relações de educação não escolar é que se estabelecem os diferentes tipos sociais de relações de diálogos entre feirantes e fregueses, trocas em que se repassam conhecimentos de história antigas; ainda há brincadeiras entre os feirantes e o freguês, que se utilizam de uma forma de distração para o atrair e sempre se articulam dos eventos do cotidiano para vender seu produto, como de política e outros temáticas. Essa retórica perfaz atrair o freguês em todo esse discurso. Assim são algumas formas de educação nos espaços da feira.

E nesse espaços que a educação não escolar que se perfaz a crescer cada vez mais nas feira livres. Não é só um espaço que tem como sua única função economicamente, mas sim esses ambientes tem um papel que mantém relações sócias educativas pelos feirantes, como atenção, respeito e sempre a transmitir uma informação com toda gentileza e com sabedoria.

Apesar das grandes transformações econômicas e da necessidade de se profissionalizar cada vem mais impostas pelos mercado de profissionais, esses feirantes ainda sim são capazes permanecer e se firmar nesses mercados, até mesmo hoje em feiras livres se exige ser formado ou ter conhecimento prático, mas que muitos ainda se sobressaem mesmo não tendo essa item de ser “formado” se posiciona taticamente de seu conhecimento prático. Ainda assim há a existência de muitos feirantes que são autônomos e não tem um grau de ensino, mas sabem se utilizar de seu conhecimento. “Assim, as feiras tornam-se também lugares onde se estabelecem inúmeras relações de vizinhança entre feirantes, fortalecendo redes de conhecimento além de promover a absorção de desempregados na região”. (MIRANDA, 2009, p.46).

Podemos conceber a feira como um espaço não só de negociação de diversos itens que são comprados pela população, e que muitas cidades giram em torno de dessa economia, mas sim também social, de relações de troca de saberes que enriquece esses espaços. A feira não é um espaço morto em que há apenas bancas, currais, entre outras coisas. É sim um espaço muito rico em termos de conhecimentos que cada indivíduo participante desse espaço repassa para outro e vice-versa, fazendo

da feira um local de interações e, de uma certa maneira, uma escola ao ar livre de aprendizado.

O freguês aprende com o conhecimento do feirante, podemos destacar ainda que muito dos feirantes, haja visto que não se quer tem o nível fundamental concluído. Mas sempre se fazem a conseguir a se fazer a vencer na vida devido a sua criação desde de criança como costumes; e cresceram nesse educação não escolar mas com o seu modo de vida humilde aprenderam desde criança saber da importância de como tratar o freguês e ganha sua atenção.

Assim podemos chegar a uma conclusão sendo a feira constituídos de espaços, ocupados por diferentes pessoas e com personalidades distinta e diversos trabalhadores de origem humilde; eles ainda possuem um riquíssimo e múltiplas formas de saber que tem grande relevância, para todos nós e educadores que aprendemos com eles.

Nessas feiras livres o que foi adquirido em saber por décadas, é repassada, conhecimentos que resistem as transformações do tempo e os seus participantes sempre reinventam e inventam, sempre se aperfeiçoando ao tempo. Nesse sentido “as transformações do mundo moderno redirecionaram e reorganizaram a estrutura familiar. O contexto social após o período da revolução industrial passou a envolver principalmente, conformações e necessidades do trabalho”. (GARCIA, 2006, p. 5)

4 A FEIRA DE SUMÉ

4.1 A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE SUMÉ E SUAS CARACTERÍSTICAS

Sumé é uma cidade localizada no interior da Paraíba na mesorregião da Borborema, ocupa uma área de 864 Km² mais precisamente na micro região do Cariri Ocidental, segundo dados do IBGE (2010), possuindo uma população de 16.060 habitantes.

O município de Sumé e a posição Geográfica latitude sul 36° 52' 48" longitude sul 07° 40' 19" Limita-se com São José dos Cordeiros (Norte); Camalaú e Monteiro (Sul); Congo e Serra Branca (Leste), e Amparo, Ouro Velho e Prata (Oeste).

O relevo de Sumé é modesto formado por solos pedregosos e serras. O clima é o semiárido, caracterizado insuficiência de chuvas, com temperatura elevadas, com média anual 24° C. A vegetação predominante em Sumé é o "bioma caatinga" hiperxerófila. O município de Sumé encontra-se inserido nas margens da bacia hidrográfica do Rio Paraíba.

O espaço da zona urbana do município de Sumé e constituída assim como outras cidades possui bairros, centro, praças, conjuntos habitacionais, escolas, e uma universidade Federal recém instalada UFCG, distrito, zonas rurais, podemos destacar o maior bairro a várzea redonda. O centro de Sumé é onde está localizada a prefeitura e todas as atividades econômicas e serviços de diversos tipos.

A religião predominante na cidade de Sumé e a religião católica apostólica romana as religiões protestantes ficando em segundo, mas existindo outras religiões na cidade, segundo dados do IBGE 2010.

A origem do nome de Sumé vem da língua indígena dos índios Sucurus que viviam nessa região. Em língua indígena, "O vocábulo Sumé – em língua indígena, significa personagem misterioso que pratica o bem e ensina a cultivar a terra – no espírito religioso dos catequizadores identifica São Tomé. Os habitantes do Município são chamados sumeenses". (IBGE, 2014).

O município de Sumé tem sua origem a partir de uma fazenda de gado, pertencente a Manuel Tavares Baía. O proprietário dessa fazenda doou uma pequena

porção de terra da sua propriedade para construção de uma capela, sendo o início do povoado. A partir daí, no século XVIII, o município de Sumé passou por várias etapas históricas: de povoado a vila, inicialmente pertencente a São João do Cariri. Segundo o IBGE (2014), “São João do Cariri, a mais antiga localidade da zona, foi elevado à sede de Freguesia³ em 1750.”

O povoado de Sumé vai se desenvolvendo com a vinda de colonos para a região, cujo objetivo principal era criação de animais, especialmente gado, instituindo-se fazendas. Além disso, as terras também eram propícias para o cultivo de alimentos como a mandioca, atraindo pessoas para a prática agrícola. Como já não existiam mais os indígenas na região (os Sucurú), os colonos poderiam assim residir e usufruir de todas as benfeitorias deixadas pelos índios, tendo em vista que os indígenas da região viviam do cultivo da terra e, de tal modo, os colonos poderiam assim efetivar sua permanência no Cariri.

O povoado de São Tomé deu origem ao município de Sumé. Iniciou-se com a chegada e habitação dos colonos ao Cariri no final do século XVIII atraídos pela facilidade de instalação de fazendas de gado, aproveitando e utilizando a estrutura já existente deixada pelos índios Sucurú. Inicialmente Sumé foi denominada de São Tomé, um povoado que teve início em terras de uma fazenda de gado, que pertencia ao senhor Manoel Tavares Baia, na confluência do Rio Sucurú com o Rio São Tomé. O povoado passou a chamar-se de São Tomé, em função do rio de mesmo nome que cortava a Vila, principal afluente do Rio Sucurú, atualmente riacho Pedra Comprida. (LUCENA, 2013, p, 26).

A cidade de Sumé passou por várias transformações políticas desde o povoado do século XVIII. Tornou-se vila em 1819 (ano que foi fundada a capela de Nossa Senhora da Conceição) e a distrito, em 1911, pertencendo ao município de Monteiro. É em 1943 que o distrito muda de nome, abandonando o nome São Tomé, passando-se definitivamente a se chamar Sumé.

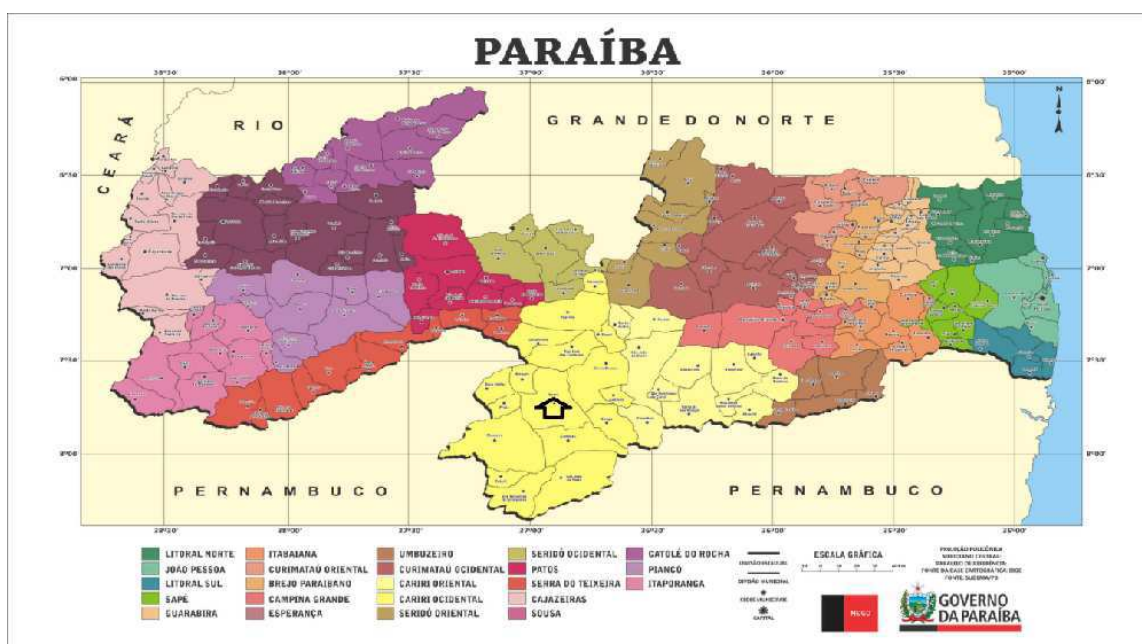
Finalmente, assinado em 08 de fevereiro de 1951, a lei que concede pleno poderes a recém-cidade criada Sumé, instalando-se efetivamente como município em 01 de abril de 1951

3 O termo freguesia B.f. Clientela, grupo de compradores. Distrito de uma paróquia. Pequena povoação. Fonte: (Dicionário informal ,2014).

4.2 O SURGIMENTO DA FEIRA DE GADO DE SUMÉ

A feira de animais de Sumé tem seu início na década de 1970 e sempre foi realizada dentro do perímetro urbano, nas proximidades do centro da cidade. Foi sempre um atrativo para um grande número de feirantes de cidades próximas da região, trazendo seus animais para negociar na feira de Sumé. O município destaca-se por se localizar no centro da região do Cariri Ocidental, como podemos observar no mapa.

Imagem 1 – Mapa da Paraíba.



Fonte:(mapas blog 2014)

Por muito tempo a feira de gado funcionou em determinado local, nas proximidades do centro da cidade. Em 2009, a feira foi transferida, pela ação do poder público municipal, alegando que o espaço estaria pequeno, causando uma certa frustração nos feirantes. Quando era realizada em seu local anterior, podia-se notar um grande fluxo de feirantes. De acordo com a pesquisa, todos se beneficiavam

diretamente com a feira: restaurantes e bares, além de diversos vendedores, próximos à feira de gado, entre outros serviços oferecidos eram beneficiados. Um exemplo é o caso de um comerciante que era dono de oficina no entorno da feira, onde era situada anteriormente:

A transferência da feira piorou e muito, já que havia um grande movimento de carros e muitos dos feirantes donos dos carros que traziam animais sempre mim procuravam em minha oficina para prestar meus serviços nos consertos dos seus carros. (Conversa nº 1)

A feira era frequentado por pessoas de todos os tipos, destacando-se compradores, vendedores e os que iam apenas para conversar e saber das “novidades”, mais acabavam comprando algum objeto ou se alimentando no local. Sempre existia alguém com uma barraca vendendo um caldo de cana, como também chinelas de couro e outros acessórios na feira, fortalecendo assim o comércio dentro da própria feira. Na figura abaixo podemos ter uma idéia de como era o espaço da feira antes da transferência.

Imagem 2 - Local da antiga feira dentro da cidade



Fonte: (bing 2014)

Os comerciantes em geral tinham clientes que almoçavam em seus restaurantes, compravam rações para seus animais nos estabelecimentos do local. Muitos produtos

havia à venda nesses comércios; tudo era perto e fortalecia o comércio local dentro do perímetro da feira. Com a transferência de local da feira de gado, o “comércio” resultou em uma queda de vendas em todos segmentos, conforme descreve outro comerciante:

A transferência prejudicou em muito os comerciantes inclusive eu mesmo que tinha uma barraca que vendia cachorro quente e pastel entre outros lanches, parei de vender depois da transferência. Ficou muito longe! A feira lá no seu novo local é fraca. (Conversa nº 2)

A feira de animais de Sumé sempre foi considerada uma das maiores feiras da região. Aliás, o município de Sumé destaca-se pelos rebanhos de animais – bovinos, caprinos e ovinos – na região do Cariri Ocidental, como podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 1 – Dados do município de Sumé em número de cabeças – 2004 - 2012.

Sumé	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Bovino	7.288	8.500	8.600	8.650	8.800	8.940	9.000	10.000	6.400
Caprino	18.100	1.800	17.500	17.600	19.000	19.200	17.200	15.400	13.090
Ovino	5.938	6.000	6.100	6.200	7.000	7.700	7.800	8.900	7.565

Fonte: IBGE (2014)

Esses dados representam uma queda em números de cabeças de animais nos anos de 2004 e 2012 referente a caprinos e bovinos, e um aumento de ovinos, sendo que Sumé ainda destaca-se em números de animais.

4.3 A “NOVA” FEIRA DE GADO DE SUMÉ

Atualmente, a feira de gado de Sumé é realizada toda segunda feira com início às 6 horas da manhã. Está localizada em um lugar mais afastada do centro da cidade,

em um bairro chamado Mandacaru que fica aproximadamente a 2 km do local antigo. Para os feirantes que participavam da feira anteriormente, com a feira em um novo local, houve um declínio no comércio devido a sua mudança e entre outros fatores que contribuiu para uma drástica queda que se diz respeito ao setor financeiro e uma certa dificuldades de locomoção na participação de pessoas para seu novo local, Isso pode ser percebido na fala de um feirante:

(...) Faz 70 anos que estou no nesse ramo; comecei com 12 anos a lidar com animais gado, ovelha, caprino, suíno Antigamente se fazia mais negócio; a feira hoje não é como antigamente [pois] havia mais gente e até mais animais para se comprar, com preços melhores. Essa transferência fez com que muita gente deixasse de *vim* à feira; hoje é isso! [Apontando com a mão para o local]. (Conversa nº 3).

Muitos dos que traziam seus animais para a feira eram sitiantes da cidade e de cidades circunvizinhas que vinham no “carro da feira” ou no “pau de arara”⁴. Como os carros servem de transporte para muitas outras pessoas que não são feirantes da feira de gado, atualmente muitos desses veículos não chegam até o novo local da feira. Antes, os carros deixavam os feirantes diretamente na feira (pois era próximo ao centro da cidade).

Com isso, para muitos sitiantes não compensa um novo pagamento, ao dono do veículo, para deslocar para o novo local da feira de animais. Assim alguns sitiantes preferem vender seus animais na própria localidade, para marchantes que vão até o local da propriedade ou aos próprios vizinhos que compram os animais. Fato é que antigamente esses sitiantes ganhavam até “mais” levando seus animais para feira.

4 Pau de arara é o nome dado a um meio de transporte irregular, e ainda utilizado no Nordeste do Brasil. Consiste em se adaptar caminhões para o transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais. FONTE (WIKIPEDIA, 2014).

Imagem 3**Imagem 4**

Local da feira atual



Fonte: Imagens captadas pelo pesquisador.

O local da feira, atualmente, é no bairro Mandacaru, à margem de uma rodovia estadual (PB 214) ligando os municípios de Sumé e Congo. No mesmo espaço também localiza-se o matadouro municipal. A feira é realizada exatamente no entorno do matadouro, usando os currais. No entanto, a maioria dos feirantes negociam seus animais de pequeno porte em cima dos seus próprios veículos, como caprinos, ovinos, suínos e outros.

A “nova” feira acaba ao meio dia em média, de acordo com as visitas realizadas para pesquisa. Não podemos generalizar, afirmando que a feira acabou, pois ainda há um número significativo de pessoas que negociam. Muitos ainda vivem desse negócio de compra e venda (embora sendo um número que vai se reduzindo cada vez mais), seja de animais, seja de outros produtos, conforme pode ser observado abaixo:

Imagem 5 - Feira de animais de Sumé (às 6 horas da manhã).



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Em conversas com os proprietários dos veículos os feirantes são de cidades circunvizinhas à Sumé, como Monteiro, Serra branca, Campina Grande, Barra de Santa Rosa, Prata, São José dos Cordeiro, São João do Cariri, Camalaú, Caraúbas, Itapetim, Congo e Amparo, dentre outras.

4.4 O ESPAÇO DA FEIRA DE SUMÉ

Conforme dito anteriormente, o local onde se realiza a feira atualmente é nas proximidades do matadouro público municipal, usando, inclusive as suas instalações. Embora sejam amplas as instalações, as suas condições físicas já estão deterioradas, precisando de reformas, como podemos observar .

Imagem 6**Imagem 7**

Entrada do curral



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Percebe-se um certo zoneamento dos espaços da feira, distribuídos da em função de determinados segmentos de animais e de comércio, conforme podemos acompanhar, na Imagem 8. As letras indicam cada espaços específico que compõem a feira.

A. Estrada PB 214 espaço da feira tanto o acostamento do lado direito como esquerdo.

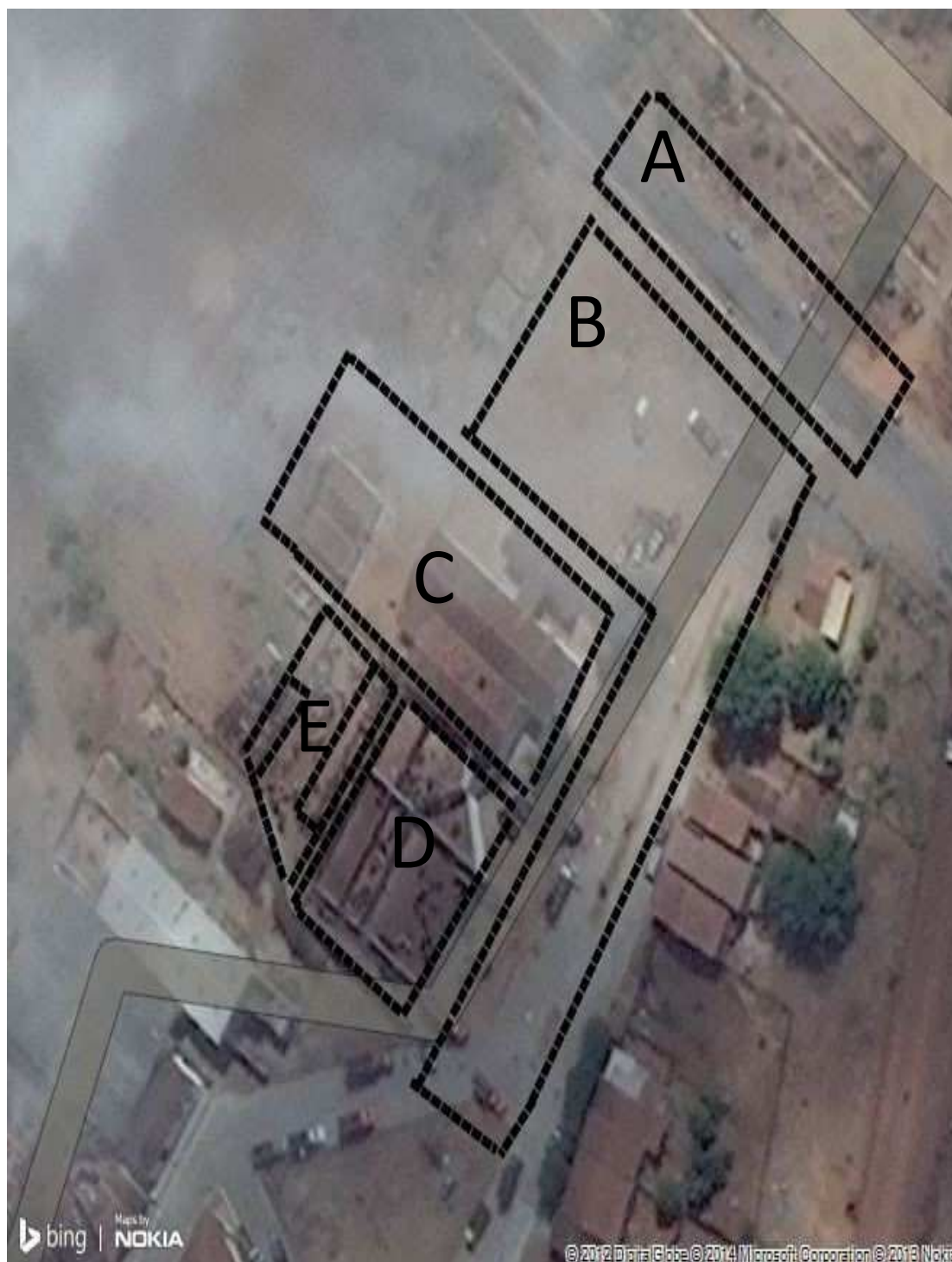
B. Espaço maior da feira

C. Prédios do matadouro

D. Curral de alvenaria

E. curral de madeira

Imagem 8 – Espaços da feira via satélite



Já as figuras abaixo mostram os espaços ocupados pelos feirantes sendo especificada com uma numeração e legenda indicativa. Cada espaço tem seu lugar reservado de animais de grande porte ou pequeno e de negociação específica.

Figuras 9,10,11,12 e 13 - Espaços ocupados da feira em seu novo local.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

As Imagens 9 e 10 representam os espaços em que se concentram os veículos estacionados com animais de pequeno porte (carneiros, bodes, porcos, galinhas, ovinos) que ficam em cima de suas carrocerias para venda. Às vezes, os vendedores tiram esses animais e os deixam amarrados ao próprio veículo, esperando comprador.

A imagem 11 representa os prédios do matadouro, lugar em que os animais são abatidos e a carne vai para o mercado central da cidade, onde é comercializada pela população de Sumé. Já a imagem 12 representa um curral de animais, dividido em seis compartimentos que servem para isolar os animais – o “gado mais bravo”.

Por fim, a imagem 13 acima representa o curral grande, o espaço em que os participantes da feira ficam conversando e fazendo avaliação econômica dos animais. É nessas conversas que se dão os acordos de compra e venda. É nesse curral ainda que os animais de grande porte ficam soltos, sendo manejados com “ferrões” (separar os animais para melhor visualização e/ou por conta das “brigas”, além de servir de proteção para os feirantes).

Segundo relatos de feirantes, não há cobrança pelo uso dos currais para colocação dos animais. Pelo menos por enquanto! Foi informado por feirantes que com decorrer do tempo, a tendência é que haverá pagamento de taxas e/ou impostos pelo uso dos currais

4.5 OS ATORES, A CULTURA E O ASPECTO EDUCACIONAL DA FEIRA DE ANIMAIS DE SUMÉ

Podemos considerar a feira de gado como um palco de culturas diversas onde há uma pluralidade de atores. Também existe uma cultura, e uma forma educacional, embora seja uma educação não escolar. Diante desses pressupostos podemos analisar a feira de gado de Sumé.

Os principais atores, dentro da feira de animais de Sumé, podemos destacar os marchantes que compram animais para o abate; os atravessadores que compram um animal barato e logo depois buscam vender mais caro a outras pessoas; além de vendedores e compradores de caprino, ovino, suíno, galinha, etc. Existem ainda os vendedores de acessórios de couro, de lanches, e demais vendedores ambulantes, conforme observamos.

Essa força característica das feiras faz com que elas propiciem a existência de uma relação entre produtores, artistas e o público, tornando-se um lugar de co-presença, de encontro e de troca de experiências culturais, onde se pode olhar, perguntar, experimentar e provar os mais diversos produtos. A própria estrutura imbricada na cidade, independente do arranjo espacial das mesmas, faz com que os movimentos do dia-a-dia se misturem com os da feira, favorecendo a efervescência cultural e a renovação constante de muitas expressões tradicionais. (MIRANDA 2009, p.143).

Podemos conceber a feira como um palco ao ar livre; de troca de experiências que não segue um roteiro predeterminado. Na figura abaixo podemos ter uma visualização clara desse “palco”, onde os feirantes observam fixamente um animal e, assim, podemos ter uma idéia das conversas e negociações que estariam fazendo em relação ao valor do animal, se está gordo ou não, se vale a pena comprar ou não. Essa troca de informações é que enriquece em conhecimento e aprendizado a todos os envolvidos com a feira.

Imagem 14 – Dia de feira em Sumé



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

O aspecto cultural está na história que muitos contam ao se reunirem na feira às segundas- feira. Colocam-se as conversas “em dia”, falam-se de coisas que aconteceram durante a semana e que estão acontecendo, tornando-se a feira de animais um lugar de narrativas, amizades e trocas de saberes. Nesse sentido, podemos afirmar:

Os homens na feira de gado geralmente usam chapéus, calçam botas, seguram uma varinha que serve para tocar, ou, como eles dizem, “cutucar” os animais e alguns ainda possuem telefone celular. Entram nos currais quando querem examinar os animais e sempre cumprimentam uns aos outros. Distribuem-se em círculos em torno dos currais ou dos animais onde travam longas conversas, utilizando uma linguagem própria. (MAIA ,2002, p.11)

A figura abaixo retrata bem a fala de Maia (2002). A reunião de feirantes, conversando em torno do currais, como acontece na feira de animais de Sumé; conversas dos mais diversas tipos como compra e venda, preço do gado; conversam ainda se tem muito pasto para os animais, se tem água nas comunidades, entre outros

assuntos. Isso torna a feira de animais de Sumé um lugar cultural enriquecedor de histórias e de conhecimento que é passado adiante.

Imagem 15 - Feira de animais de Sumé – reunião de feirantes conversando



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Podemos afirmar que na feira de animais de Sumé está presente a cultura de um povo que aparece das mais diversas formas, em saber. Isto é:

(...) A forma como os feirantes expõem produtos, como chamam os fregueses, como se organizam no espaço, tudo contribui para que a cultura da feira seja um processo que se forma dia a dia na interação das pessoas que nela convivem, feirantes ou compradores, desocupados, até mesmo aqueles figuras estranhas que fazem existir à sua sombra (MIRANDA, 2009, p .48).

Na figura abaixo percebe-se a venda de artigos de couro na feira de animais de Sumé, um conhecimento de técnicas: de como produzir, que não vem de hoje mas sim longos tempos da história cultural de Sumé.

Imagem 16 - Barraca de artigos de couro feira de animais de Sumé



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

A educação na feira de animais de Sumé não é uma educação formal, mas sim uma educação não escolar que não se aprende em escola, mas sim um conhecimento educacional que muitas vezes é repassado por um familiar que se aprende dia-a-dia, vendo e praticando.

Podemos afirmar que a feira de animais de Sumé (como outras feiras também) é uma escola que favorece o aprendizado em que o pai ensina o filho a arte da compra e venda de animais, ele assim poderá vir a se tornar um grande negociante, e ter uma profissão. Na figura abaixo, visualiza-se uma cena que já aconteceu inúmeras vezes ao longo da história, em que esse aprendizado se deu na prática, passando de pai para filho.

Imagem 17 - Feira de animais de Sumé pai negociando a venda de animais com o filho ao lado.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Assim se faz a feira de animais de Sumé com seus feirantes em dias de hoje: o passado e o presente de mãos dadas; um enriquecedor saber presente em seu povo. É um conhecimento das mais diferentes áreas de conhecimento e técnicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a feira de animais de Sumé e a sua transferência de local com seus impactos causados em termos econômicos reflete uma crise com a sua mudança de um local tradicional, realizado há décadas. O novo local não há uma infraestrutura adequada ainda, e até mesmo falta diálogo entre poder público municipal e os feirantes para que possam portanto tomar medidas e, assim, fortalecer a feira de animais do município de Sumé que decaiu economicamente nos últimos anos com a sua nova localização no bairro do Mandacaru.

Desta forma a feira de animais de Sumé se mostra não ter uma organização eficaz que possa reunir os feirantes em espaços apropriados, já que a feira é composta de diversas atividades de comércio entre elas de animais de pequeno e grande porte. Fato se comprova em dias de feira muitos negócios são realizados a beira da pista podendo assim ocorrer acidentes.

Antes da realocação da feira se questionava o poder público municipal que o espaço estaria pequeno para acomodar todos os feirantes, e não havia uma infraestrutura adequada, e era necessário a transferência. Parece contraditório hoje se tem um grande espaço, e o que se tem é uma infraestrutura deteriorada, a feira está desorganizada mais que antes.

Só através da ação do poder público pode proporcionar a resolução de todos os problemas que ainda persistem na feira de animais, subsidiando uma melhor acomodação aos feirantes e através do diálogo, do trabalho em conjunto com todos. O esforço é fazer do novo local da feira, um lugar propício de um comércio e um ambiente com qualidade, infraestrutura em que todos possam usufruir de todos os espaços, permitindo o desenvolvimento de todas as atividades com segurança para todos.

Sendo assim é necessário que haja participação de todos, além de uma inter-relação de bom senso e participação por todos que fazem do matadouro (onde está localizado o espaço da feira de animais) um local em que todos ganham a vida e que gera renda para a cidade. É nesse sentido como já falado de bom senso e mais participação e com mão dadas com o poder público.

É necessário também adotar medidas educativas que proporcionem e valorizem esse tipo de feira de animais que tem raízes fortes com a cultura, manifestações populares que acontecem em meio a feira, como crenças, arte de fabricação, costumes, e todo conhecimento que vem há muito tempo, tornando assim a feira um lugar rico não só em termos econômicos mais cultural.

Assim constitui-se a feira de animais de Sumé, de feirantes de várias regiões do Cariri Ocidental, integrando-se também de várias cidades inclusive do estado Pernambucano, que se imigram todas as segundas-feiras pela madrugada, isso fortalecendo o comércio local, e conseguir ocupar um melhor espaço na feira, obtendo assim melhorias no lucro e no sustento das famílias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 3 ed. João Pessoa: A União, 1980.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ATLAS ESCOLAR DA PARAÍBA: ESPAÇO GEO-HISTÓRICO E CULTURAL. 3.ed. João Pessoa: Grafset, 2002.

BRASIL Presidência da República. **LEI Nº 9.394, DE 20 de dezembro de 1996** . Estabelece diretrizes e bases da educação nacional Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso.11.04.2014 ACESSO. 11.04.2014

CORRÊA, Roberto Lobato. Status socioeconômico e centralidade: uma interpretação. **Geografia**, V. 2, n.3, p.51-59.abr.1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1970.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feira de Macaíba – RN: Um estudo de modificações na dinâmica sócio espacial**. Dissertação de Mestrado. UFRN. Natal- RN, 2007.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências Culturais: base para novas políticas de Patrimônio. In: BRASIL, Ministério da Cultura. **O Registro do Patrimônio Imaterial**. Brasília: IPHAN/Fundação Nacional de Arte, 2000.

GOHN, M. G .**Educação não-formal na pedagogia social**. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext. Acesso 11.04.2014.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e o educador social**. São Paulo: Cortez, 2006.

GARCIA, Valéria Aroeira. **O PAPEL DO SOCIAL E DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NAS DISCUSSÕES E AÇÕES EDUCACIONAIS**. Disponível em: < http://unisal.br/wp-content/uploads/2013/09/mesa_8_texto_valeria.pdf > ACESSO. 11.04.2014

KONDER, Leandro. **O que é a dialética**. 28ª ed. São Paulo: Brasiliense 2008.

LÍBNA NAFTALI LUCENA FERREIRA. **Imagens da arte: a cidade de Sumé/pb e o ensino das artes visuais**. Dissertação Pós-Graduação, UFPB, João Pessoa.2014.

MOURA, E. P. G.; ZUCCHETTI, D. T. Explorando outros cenários: educação não escolar e pedagogia social. **Revista Unisinos de Educação**, São Leopoldo, v. 10. n. 3, p. 228-236, 2006.

MAIA, Doralice Sátyro. A feira de gado na cidade: encontros, conversas e negócio **Revista Formação**, v. 1. nº14, UNESP, 2002. (p.12-30).

MIRANDA, Gustavo Magalhães Silva. **A Feira na Cidade: Limites e Potencialidade de uma Interface Urbana nas Feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande-PB**. Dissertação. 2009. Dissertação de Mestrado, UFPE Recife-PE 2009.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan. **Capítulos de Geografia Agrária da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1996, p. 280.

Mapas (2014) Disponível em: <http://www.bing.com/maps/default.aspx?q=sume+pb&mkt=pt&FORM=HDRSC4> ACESSO. 11.04.2014

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa. Manual**. Universidade Católica de Brasília. Brasília: UCB, 2003

Mapas blog Disponível em: <http://mapasblog.blogspot.com.br/2011/12/mapas-da-paraiba.html>. ACESSO. 22.08.2014

Pau de arara (transporte) Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_de_arara_\(transporte\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_de_arara_(transporte)) Disponível em: ACESSO. 11.04.2014

PAZERA Jr., Eduardo. **A Feira de Itabaiana-PB: Permanência e Mudança**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. (Tese) Doutorado em Geografia Humana. Disponível em: <<http://páginas.terra.com.br/educacao/geografia/>>. Acessado em: 29 jul. 2007.

STRAUCH, Ney. Contribuição ao estudo das feiras de gado. Feira de Santana e Arcoverde. **Revista brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 14, n 1, p.101-110, jan./mar.1952.

SOUZA, Elza Coelho de. “**Feira de gado.**” In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Tipos e aspectos do Brasil. 10 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª Edição. São Paulo. Cortez Editora, 2007

SUMÉ PARAÍBA - PB HISTÓRICO - IBGE | BIBLIOTECA. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/paraiba/sume.pdf>/ACESSO. 11.04.2014.

TRABALHO FORMAL. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_formal
Disponível em: ACESSO. 11.04.2014

TRABALHO INFORMAL. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_informal
Disponível em: ACESSO. 11.04.2014.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Disponível em: <http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf>. Acesso em: 02 outubro.2014.